

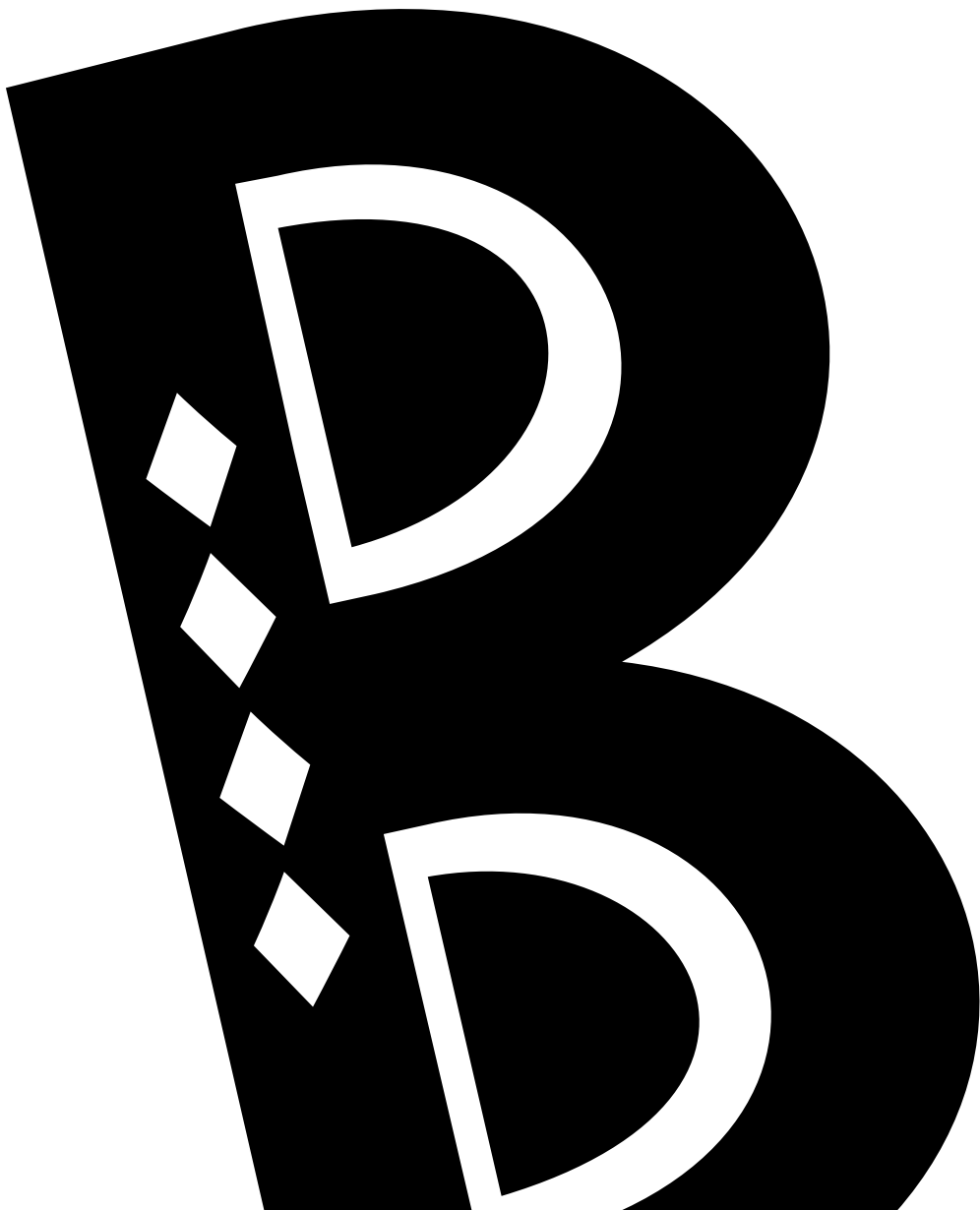
**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

2

a civilização bantu







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ

Arany Santana

ensaio

1 Termo regional, que significa reforço escolar.

2 O *deburù*, também conhecido como flor do velho ou pipoca do velho, é uma expressão utilizada pelos Povos de Terreiro.

A década de 1980 foi crucial para a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação ao incluir oficialmente a obrigatoriedade do ensino de História da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, mas pouca gente sabe que a implementação dessa política pública nacional, que só se deu em 2003, teve a Bahia como pioneira.

Impulsionada pela pressão dos movimentos populares, fruto de incansável exigência do Movimento Negro Unificado, criado em 1978, somado aos terreiros de *candomblé*, ao primeiro bloco afro do Brasil, *Ilê Aiyê*, às Universidades Federal e Estadual da Bahia, o Estado se viu tensionado, desde 1985, a inserir a temática na pauta das políticas públicas educacionais.

A audácia do *Ilê Aiyê*, que já em seu primeiro desfile, em 1975, em plena ditadura militar, desvelou o racismo no Brasil, exaltou a beleza e a força de heróis e heroínas da resistência negra — bem como a magnitude de reinos africanos, conteúdo nunca apresentado em sala de aula, traduzido sob o prisma de canções de forte impacto — gerou um movimento inédito de busca por parte de estudantes e professores das escolas do bairro da Liberdade por informações sobre as temáticas abordadas pelo bloco. Diante desse fato inesperado, a diretoria do *Ilê* se viu compelida a pensar ações que sistematizassem esse conhecimento. Era uma resposta à visão estereotipada

dos livros didáticos e da abordagem eurocentrada da História. Que História é essa que ecoava das canções do Ilê e firmava desde um novo padrão de beleza à valorização e salvaguarda das religiões de matriz africana?

A mentalidade visionária de Mãe Hilda Jitolu foi a mola propulsora do projeto educacional do bloco. A princípio, o pedido da matriarca era acolher crianças que passavam grande parte do tempo na rua, oferecendo-lhes banca¹, já que sua filha Hildelice tinha formação em Magistério. A partir de então, constatou-se que esses alunos, para além do déficit em leitura e escrita, eram, em sua grande maioria, expulsos da rede escolar por sua multirrepetência, sendo, portanto, inquietos, indisciplinados, ou seja, fora do padrão esperado pelo sistema educacional. Por outro lado, o encantamento dessas crianças pelas músicas entoadas pelo Ilê Aiyê facilitava o processo de alfabetização.

Em 1985, diante da crescente pressão, o Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia aprovou a lei, logo sancionada, que inseria a “Introdução ao Estudo da História e das Culturas Africanas” nos currículos das escolas públicas e privadas.

No ano seguinte, 1986, uma comissão coordenada pela professora da UFBA, Eugênia Lúcia Viana Neri, composta por técnicos e professores dessa mesma universidade, além da Uneb e da Secretaria de Educação, implementou o primeiro curso de especialização em História da África, voltado para 30 professores de História da rede pública e dez membros de organizações negras de Salvador, desde que portadores de diploma de nível superior.

Pouco tempo depois, o barracão do Ilê Axé Jitolu já estava repleto de crianças sentadas em carteiras doadas pelo

então Secretário de Educação do Estado, Professor Dr. Edivaldo Machado Boaventura, que tornou realidade o sonho de Mãe Hilda em ver seu espaço sagrado transformado em escola, fato concretizado em 1988, quando nasce a Escola Mãe Hilda. Foi pelas mãos desse mesmo gestor que, em 1987, a disciplina de História da África foi implementada em dez escolas públicas de Salvador, mais precisamente em bairros periféricos de concentração da população negra. Tal política, infelizmente, durou apenas um ano. Com a mudança do governo e de todo o secretariado, a disciplina foi banida dos currículos, dependendo tão somente da boa vontade de alguns professores, que, sem nenhum apoio, sustentaram a temática por mais dois anos.

Na contramão do movimento governamental, o barracão do Ilê Axé Jitolu se tornou pequeno para o número de estudantes que crescia a cada ano, obrigando a escola a ocupar outros espaços do terreiro. As músicas eram o instrumento pedagógico que transformou a escola num espaço de alegria, ludicidade e identidade.

Assim como manda a tradição do candomblé, Mãe Hilda fazia questão de usar recursos próprios para preparar uma farta mesa com a merenda das crianças, sendo essa geralmente vinculada aos orixás. Dessa forma, por exemplo, às segundas-feiras, oferecia-se pipoca, fazendo a alegria geral da criançada. Mãe Hilda aproveitava esses momentos para mostrar, com orgulho, que a “flor”² do velho Obaluayê era a comida do dono de sua cabeça e patrono do terreiro. Importante reforçar que foram incontáveis os momentos em que que flagrávamos Mãe Hilda Jitolu observando e admirando as aulas pelas frestas da porta entreaberta, sem que na maioria das vezes fosse notada pelos alunos.

O BARRACÃO DO ILÊ AXÉ JITOLU SE TORNOU PEQUENO PARA O NÚMERO DE ESTUDANTES QUE CRESCIA A CADA ANO, OBRIGANDO A ESCOLA A OCUPAR OUTROS ESPAÇOS DO TERREIRO

A grande revolução da Escola Mãe Hilda se deu pela transformação de um espaço votivo em escola, oferecendo acolhimento a estudantes renegados pelo sistema escolar, agora felizes e aprendendo, para além do currículo formal, o respeito por uma religião secularmente discriminada e, sobretudo, a valorização da história de sua ancestralidade negra, desprezada até hoje por grande parte das escolas do país.

O sucesso metodológico da escola resultou na mudança comportamental dos alunos, que, devido ao espaço sagrado que frequentavam, aprendiam sobre o respeito mútuo, o respeito às diferenças, mas, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Se tornou rotina os alunos pedirem a benção ao adentrar o ambiente escolar, fundamento vital

das religiões de matriz africana, de modo que não tardou para que essas crianças, então alfabetizadas, passassem a ser disputadas por escolas da região.

Foi a partir dessa exitosa experiência que, mais uma vez, a professora Eugênia Lúcia, em 1995, na maioria do bloco, chamou o presidente Vovô à responsabilidade de produzir material didático a partir da ótica dos carnavais do Ilê, assegurando a permanência da temática africana e afro-brasileira nos currículos das escolas da Liberdade e adjacências, promovendo conhecimento para os alunos e a capacitação de professores das redes municipal e estadual daquela região.

Nascia assim o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, materializado em seus *Cadernos de Educação*, contando com um time de peso de professores, dentre eles, Jaime Sodré, Makota Valdina Pinto, Jorge Conceição, Ana Célia da Silva, Maria de Lourdes Siqueira, Lindinalva Barbosa, sob a coordenação de Arany Santana e Jônatas Conceição. A qualidade do projeto atraiu importantes parceiros como a Fundação Odebrecht e as Secretarias Municipal e Estadual de Educação da Bahia, além de render o prêmio de terceiro melhor projeto pedagógico do Brasil pelo Itaú – UNICEF.

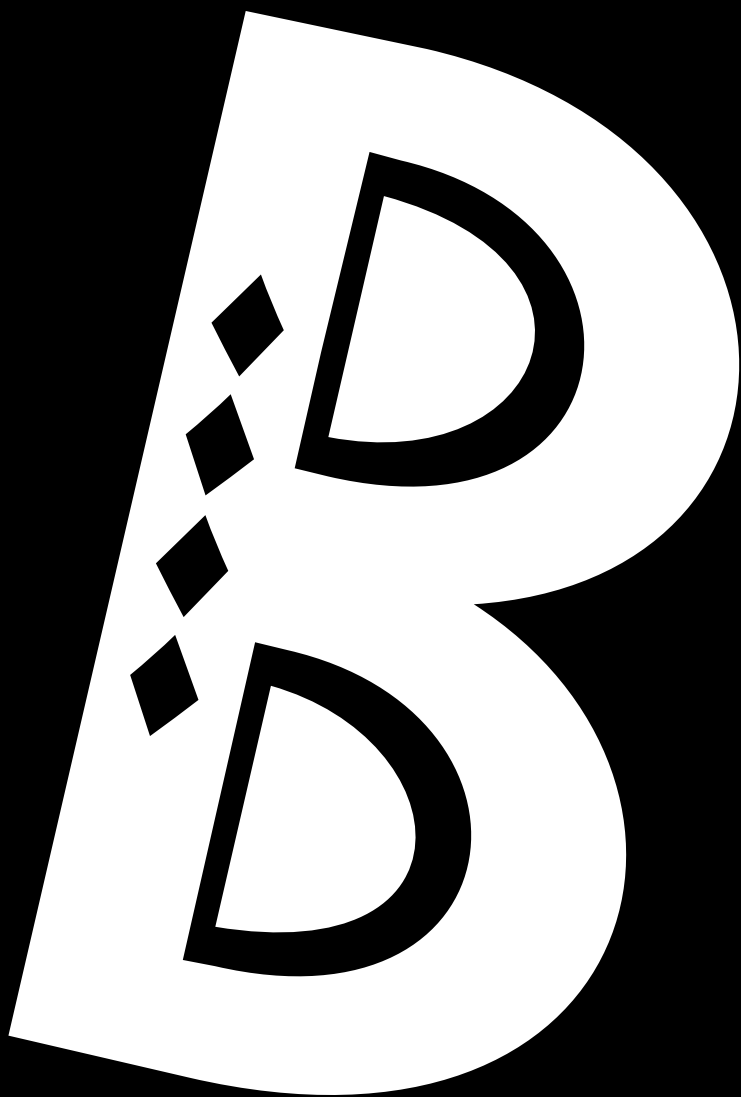
Somado à escola Mãe Hilda, o Projeto envolveu professores, dirigentes, coordenadores e supervisores das seis maiores escolas da Liberdade e entorno. Contemplou mais de três mil alunos, capacitou sessenta professores, que, por meio do conhecimento, puderam rever seus conceitos, suas convicções e crescer enquanto seres humanos.

Diante do sucesso, o curso foi estendido para dirigentes e assessores de blocos afros e afoxés, povos de santo, membros de associações culturais e grupos de capoeira que agora adentravam o espaço do Centro de Estudos

Afro-Orientais, o CEAO, da Universidade Federal da Bahia, para receber essa capacitação.

O icônico tema do primeiro Caderno de Educação, fruto do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, não poderia ser outro senão “Organizações de Resistência Negra”. O material apresentava as mais importantes organizações negras brasileiras, desde o século XVI até a fundação do Ilê Aiyê, e já contava com o design gráfico do magistral artista plástico J. Cunha, que chegara no bloco muito antes, criando em 1978 sua identidade visual, o emblemático Perfil Azeviche. A partir de 1980, Cunha passou a desenvolver o design dos tecidos do bloco, finalizando a conjugação perfeita entre a transformação política, estética e, mais tarde, educacional do Ilê Aiyê, indo muito além do âmbito local de Salvador e tornando-se um marco nacional, quiçá internacional.

Era, enfim, o grito da raça ecoando, reescrevendo a história de nossos antepassados, elevando a autoestima de nossas crianças, num movimento revolucionário que mudou a mentalidade e a paisagem urbana de Salvador.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
20	povo bantu na idade do ferro
26	os principais reinos da civilização bantu
32	contribuições político-culturais
46	ilê aiyê carnaval 96

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

**“PELA COR
DO PANO/
NOTA-SE QUE
SOU AFRICANO”**

Valter Farias

& Adailton

apresentação

Associados(as) e amigos(as) do Ilê Aiyê

O ano de 1995 foi muito significativo para a nossa associação porque conseguimos pôr em prática, de uma forma produtiva e mais sistemática, os ideais educativos que norteiam o trabalho que desenvolvemos desde 1974.

Em 1995, ano do tricentenário de Zumbi dos Palmares, começamos a desenvolver nas escolas do Ilê Aiyê (Escola Mãe Hilda e Escola de Percussão Band'Erê) e nas escolas das redes municipal e estadual do Curuzu-Liberdade o Projeto de Extensão Pedagógica.

Este projeto, idealizado e coordenado pelo Ilê Aiyê, fundamenta-se, basicamente, nos seguintes pressupostos:

1. que ao longo de 22 anos de atividades culturais e educativas o Ilê Aiyê produziu um extenso material informativo que pode ser utilizado como práticas educacionais;
2. que a utilização deste material, ao privilegiar o mundo cultural afro-brasileiro, torna o fazer educativo mais produtivo e mais próximo do cotidiano da população das nossas escolas.

Os resultados preliminares do projeto são por demais significativos. Alunos, professores e diretores das escolas envolvidas na experiência relatam, com satisfação, os ganhos educacionais que o projeto lhes proporcionou. Um pouco desta rica experiência estará sendo publicada nas futuras edições do Caderno de Educação. Os trabalhos literários e plásticos do Concurso sobre os “300 anos de Zumbi dos Palmares e 21 anos do Ilê Aiyê e a História da Civilização Africana”, através da religião, são exemplos desta experiência que, muito em breve, vocês terão acesso, nos próximos números do Caderno. O volume nº 1 do Caderno de Educação, publicado em 1995, trouxe à luz uma síntese da História das “Organizações de Resistência Negra” brasileiras, tema do nosso Carnaval daquele ano.

Este volume nº 2 traz importantes informações e uma antologia de músicas sobre “A Civilização Bantu”, tema do Carnaval de 1996. As principais contribuições político-culturais da Civilização Bantu no Brasil são apresentadas, de forma resumida, neste volume.

Com esta nova edição do nosso Caderno, estamos cumprindo, mais uma vez, os objetivos que sempre nortearam a nossa associação: preservar e expandir os valores culturais africanos em nossa terra para que a população negra, com consciência de sua identidade étnica, lute por direitos políticos e oportunidades iguais no Brasil.

Salvador, janeiro de 1996

À Coordenação

Povo bantu na idade do ferro

01



O processo migratório dos BANTU é sem dúvida o mais importante processo de ocupação do continente africano.

Um dos motivos principais da migração dos BANTU foi a expansão da desertificação do Saara. Este fato provocou o processo migratório dos BANTU para a África Ocidental.

No século anterior à era cristã, na região dos Camarões (Golfo da Guiné), as comunidades aumentaram sua capacidade produtiva com a agricultura e o pastoreio. A concentração das populações nas áreas férteis também acabou gerando conflitos entre grupos, fazendo com que alguns migrassem em direção ao sul da África.

No processo migratório dos BANTU, uma parte concentrou-se no planalto de Katanga (no atual Zaire), outros localizaram-se perto da região dos Grandes Lagos e, uma outra parte, se dirigiu para o sul junto aos Batwa e Khoïn.

No início da era atual da humanidade, alguns emigrantes BANTU que passavam pelo norte da Nigéria (região Nok) aprenderam com os grupos locais as técnicas de uso do ferro, transmitindo posteriormente o aprendizado aos que tinham emigrado antes, ao se contatarem novamente.

Principais atividades desses povos

A caça, a coleta, a agricultura, o pastoreio, a pesca e a construção de moradia eram a atuação essencial desses povos.

Uma classe importante no interior da estrutura BANTU era a dos ferreiros. Estes cravam as ferramentas necessárias aos camponeses, recebendo em troca alimentos. A introdução da técnica do ferro possibilitou o aumento de produção para as trocas, implicando na elevação do nível de vida dos BANTU e, paralelamente, o aumento da força de trabalho e conseqüentemente, uma nova emigração em

busca de novas terras.

A procura de novas terras obrigou muitas vezes os BANTU a travar lutas não só com outras etnias, como também entre si. A unificação dos clãs em tribos era resultante, na maioria das vezes, do processo de conflito, daí a dominação de um clã sobre os demais.

Antes do fim do ano 1000, na bacia do Congo, surgem os primeiros estados BANTU: o Luba e o Congo em Angola e no Zaire, o Lozi na Zâmbia e em seguida, no século 11 da era cristã, o Zimbabwe e o Monomotapa, que surgiu do deslocamento dos zimbabweanos para o vale do Zambeze, região entre Moçambique e o Zimbabwe atualmente.

Os BANTU em sua trajetória migratória dividiram-se em três grandes grupos.

1. BANTU ORIENTAIS – que se estendem no norte de Uganda, no interior do Quênia, Tanzânia, Moçambique, Zimbabwe, chegando alguns ao norte do Lago Vitória.
2. BANTU MERIDIONAIS – ao sul do Zambeze e do Cunene (Angola), ocupavam uma extensão de área que compreende o sul do Zimbabwe e Moçambique, parte centro-oriental da África do Sul e os territórios de Suazilândia, Botswana, Namíbia e Lesoto.
3. BANTU OCIDENTAIS – ao norte do Cunene (Angola), do Oceano Atlântico até o Zimbabwe e a depressão dos Grandes Lagos, penetrando acima da República Popular do Congo e ao sul de Camarões.

Metalurgia – tecnologia africana

Por volta do ano 1000, um movimento considerável de populações trouxe à África Meridional um povo agricultor



* parte do sul da África

negroide cuja economia, modalidade de povoamento e talvez mesmo aparência física e língua, diferiam grandemente dos antigos habitantes. Foi esse povo que introduziu na área o conhecimento da metalurgia e da cerâmica.

É no quadro do complexo industrial da Idade do Ferro Antiga que um grande número de traços culturais de primordial importância faz sua primeira aparição na África Meridional. São eles: **a agricultura, a metalurgia, a cerâmica e as aldeias semipermanentes** constituídas por casas feitas de barro (daga) aplicado a arcações de varas e estacas (pau-a-pique).

A metalurgia parece ter sido introduzida como uma técnica acabada e eficaz numa área onde não há indícios de um conhecimento anterior dos rudimentos dessa tecnologia.

A Idade do Ferro antiga foi introduzida na África Meridional por um movimento de população rápido e substancial, portador de uma cultura plenamente acabada, cujo processo formativo ocorreu em outros lugares. Enormes quantidades de escória e lingotes de ferro vieram confirmar a prática da metalurgia extensiva nas vizinhanças imediatas.

Os utensílios de ferro ocorrem com uma frequência inabitual nos sítios da Idade do Ferro na Zâmbia, mas parece que o cobre era desconhecido. O ferro era usado para a manufatura de objetos como barbeadores, pontas de flecha, teclas de sanza (instrumento musical constituído por linguetas de ferro dispostas sobre um suporte de madeira: estas são dedilhadas com os polegares), facas, enxadas, machados e braceletes.

A metalurgia foi uma das principais contribuições que a África deu para a tecnologia mundial. A História prova que os povos africanos possuíam um estágio de desenvolvi-

mento bem evoluído no que diz respeito às técnicas industriais. Nessa mesma época, a Europa do período da Idade Média possuía poucas cidades e tinha uma agricultura e artesanato rudimentares. Foi a intervenção criminosa do colonizador europeu que colocou a África num atraso secular de consequências maléficas que se refletem até hoje naquele continente. Os povos BANTU que vieram para o Brasil trouxeram este saber científico da utilização do ferro e outros conhecimentos tecnológicos que construíram este país. Sem a presença do trabalho e do saber científico do africano, o Brasil não teria condições de ser construído.

Os principais reinos da civilização bantu

02



BANTU – Conceito linguístico utilizado pelos europeus para classificar povos que utilizavam palavras mais importantes com as raízes de uma mesma família linguística.

Os Reinos da Civilização BANTU ficavam na região compreendida entre Camarões e Nigéria, Centro e Sul da África. Em toda essa região, a palavra é a mesma para significar o conceito da pessoa humana – MUNTU = pessoa, ser humano. O plural de MUNTU é BANTU. Daí o conceito da língua BANTU, povo BANTU.

Dadas as grandes migrações, houve muitos empréstimos culturais entre essas regiões, criando um complexo cultural de tradições mais semelhantes e com maiores afinidades.

A cultura BANTU significa a união de várias culturas que foram se construindo no interior das frequentes migrações entre as populações africanas tradicionais já organizadas nos grandes impérios.

Alguns dos principais reinos da era pré-colonial:

- ◆ Reino do Congo
- ◆ Bakongo
- ◆ Ndongo
- ◆ Luba
- ◆ Loango
- ◆ Kbungo
- ◆ Matamba

Há centenas de reinos compreendidos nessa área denominada BANTU entre Camarões e Nigéria, descendo para o Centro Sul, toda a África do Sul e Centro Sul a Leste.

A República dos Palmares (organização BANTU por excelência), situada na outrora Capitania de Pernambuco,

hoje Alagoas, que resistiu ao regime escravista de 1595 a 1695, corresponde ao modelo de um desses reinos da área BANTU. A própria palavra Quilombo é de origem dos povos Mbundu e Jaga ou Imbangala de Angola. (ver vol. 1 do CADERNO DE EDUCAÇÃO).

A organização interna das populações

Tomamos como exemplo o Reino do Congo, onde diferentes grupos culturais Kicongo sob a coordenação de um chefe denominado Wene ou Nímia Lukeni formam o Reino do Congo, Capital Mbanza Kongo, hoje São Salvador. Reino de grandes extensões. Poderoso. Bem organizado.

Sociedade congoleza

A Sociedade do Reino do Congo era constituída pelo povo e pela aristocracia.

Organização social e familiar

As famílias extensas, com base em estrutura matrilinear (em que a sucessão se faz por linha materna) abrigaram filhos, sobrinhos, primos e escravos (no caso das famílias ricas) e a população vivia em casas ao redor dessas Casas Grandes.

Como estavam organizados os reinos e suas populações do ponto de vista econômico?

Dotado de economia bem desenvolvida e muito rica, o Reino do Congo possuía uma força produtiva avançada, com base na agricultura, e produzia cereais em grandes extensões de terrenos, utilizando-se de enxada e machados. A mão-de-obra era constituída de homens e mulheres que



cultivavam e colhiam. A arte também constituía uma das bases da economia, desenvolvendo o domínio sobre o ferro, madeira, barro e tecidos.

Principais domínios e formas de ocupação das populações dos reinos

Além do trabalho agrícola e da arte, a população do Reino do Congo desenvolvia diferentes formas de trabalho em torno das áreas tradicionais de ocupação. Cultivavam também óleo e vinho de palma e diversificavam a produção de artesanato.

A moeda

Havia uma forma de moeda no Congo denominada NDJIMBO, eram conchas do mar.

Havia moedas grandes, médias e pequenas. Cada uma tinha o seu valor. Essas moedas eram encontradas na Ilha de Luanda, que era de propriedade do Rei.

A produção

A população trocava o fruto do seu trabalho por aquilo que necessitava. Quando havia excedente, guardava para possíveis tempos de crise.

As propriedades

As terras, os rios, as palmeiras e as florestas eram comunitárias. A propriedade também era comunitária, mas o trabalho era individual. Cada um a utilizava segundo as necessidades de trabalho e subsistência. Todos os habitantes do Clã Kanda eram donos em conjunto das riquezas. As minas e o peixe-porco eram do Rei. As terras eram dos antepassados.

O comércio

O Reino do Congo comercializava a produção excedente com reinos vizinhos através de viagens em grandes barcos a vela pelo rio Zaire e pela costa do oceano.

O Reino do Congo era dividido em províncias: Mpemba, Soyo, Mbanda, Mbatae Nsundi.

Reinos vizinhos: Angola e Matamba ao sul; Loango e Ngoyo.

O Reino Ndongo ou Angola – século XIV, um século depois do Reino do Congo.

As principais alianças e expressões de resistência à colonização

Tomamos como exemplo o Reino do Ndongo.

No Reino do Ndongo, houve forte resistência contra a chegada dos portugueses.

Ngola Kiluange foi um dos reis do Ndongo.

O seu exército conseguiu vencer os portugueses em várias batalhas, embora as suas armas fossem simples arcos e flechas contra as armas de fogo que os invasores brancos traziam.

Tempos depois, Nzinga Mbandi tornou-se Rainha do Ndongo. A sua coragem e inteligência ficaram conhecidas de todo o povo que vê nela o símbolo da resistência contra os colonizadores.

Nzinga, quando sentiu que as forças do seu povo não eram suficientes para combater os inimigos, negociou a paz. Procurou unir vários povos na luta contra a ameaça estrangeira. Diz a tradição que ela enviou armas aos povos ao sul do Kwanza para poderem participar da resistência.

Nzinga Mbandi, depois de anos de esforços, conseguiu

um grande feito: aliar os povos do Ndongo, Matamba, Congo, Cassanje, Dembos, Kissama e do Planalto Central para lutar contra os colonialistas. Foi essa a maior aliança que se constituiu naqueles tempos antigos. As diferenças e interesses foram assim esquecidos a favor da unidade contra o inimigo comum.

A vida comunitária

A comunidade aldeã era constituída pelo povo que se denominava Senzala-Mbanza

Os chefes eram chamados Manis – chefes administrativos das províncias e reinos. Elas também cobravam impostos.

No século XIV, essas comunidades atingiram mais de 50 mil habitantes.

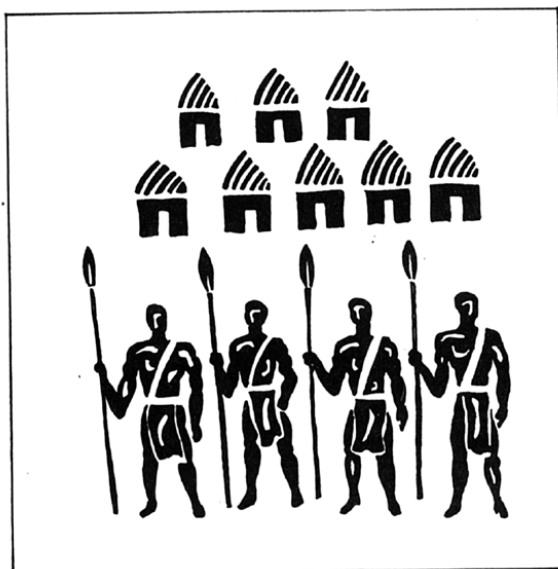
Se várias tribos aceitavam um mesmo chefe, então este se tornava rei, estendendo a sua autoridade a todo o território que eles habitavam.

Os mestres ferreiros tinham poderes mágico-religiosos. Usavam fornos de argila para fundição.

O sal era usado como moeda de troca. O sal era muito importante para quem vivia longe do mar, por isso, grandes percursos eram feitos para obter o sal em troca de outros produtos.

Contribuições político-culturais da civilização bantu no Brasil

03



Os dois primeiros séculos do tráfico de escravos para as Américas, afirmam a maioria dos pesquisadores, saíram da África Meridional, da região BANTU, do Congo, Angola e de Moçambique. Esse fato fica comprovado, sobretudo, na língua que hoje falamos, o português, impregnado de palavras de origem BANTU, muitas delas “aportuguesadas”, além das lendas, contos, provérbios, adivinhações, manifestações culturais, instrumentos e até mesmo o ritmo que representa a música brasileira, o samba, que vem do “semba”, palavra que, em Angola, é uma dança.

“No domínio da Língua Portuguesa do Brasil, observa-se a profundidade e extensão da penetração BANTU através de empréstimos lexicais que são corriqueiros em todos os níveis socioculturais da linguagem brasileira, sem nenhuma consciência de que se trata de palavras africanas”, afirma a Profa. Yeda Pessoa de Castro.

Esses empréstimos acham-se tão integrados à língua do Brasil, o que prova a sua maior antiguidade, que formam diferentes derivados portugueses de uma mesma raiz BANTU. Além do SAMBA (sambista, sambar, sambão, sambódromo) MOLAMBO (molambar); MACUMBA (macumbeiro); DENDÊ (dendezeiro); CAÇULA (caçulinha); MACONHA (maconeiro), ANDU (anduzada); FUBÁ (fubazento), QUITUTE (quituteiro). Temos ainda: jiló, corcunda, tanga, sunga, quitanda, capanga, miçanga, caçamba, cessar (peneira), dengo, carimbo, calunga, coringa, bunda; alguns menos correntes: mucama, senzala, quilombo e outros mais regionais: mucumbo, babatar (apalpar), longar (apanhar), calundu (mau-humor), quizila, (tabu) etc.

Kilombos

Kilombo é uma palavra de origem BANTU que, segundo alguns historiadores, significa “acampamento guerreiro na floresta”, sendo entendido como divisão administrativa.

No período do tráfico de escravos para as Américas, existiam na África Meridional diversas formas de organizações dentro da região BANTU – (reinos, estados, chefarias, hordas, sociedades de linhagem etc.). Afirmam alguns que Kilombo era uma forma em que alguns grupos BANTU estavam se organizando socialmente, mas esse processo fora interrompido abruptamente por conta do tráfico, e aqui no Brasil os povos daquelas regiões tentaram reproduzir aquele processo dentro dos diversos Kilombos que aqui existiram. Segundo pesquisas atuais, Kilombo era um “estado de guerra, estado este vivenciado no Reino da Rainha Nzinga em tempo de guerra com os portugueses. A Rainha, com toda a sua corte, vassalos e soldados, armava acampamento de guerra na floresta, prontos para o ataque ou contra-ataque.

Seja ordenamento político, acampamento guerreiro na floresta, estado de prontidão para a guerra, os Kilombos existentes no Brasil tinham as mesmas intenções e características daqueles da região BANTU, ajustados à mesma situação.

Contemporaneamente, o termo Kilombo generalizou-se e ampliou-se refletindo para nós toda e qualquer forma de resistência.

Irmandades

Nos séculos XVI e XVII, várias irmandades surgiram no Brasil com vistas a oferecer aos seus membros assistência social, funerária, hospitalar, financeira e educacional.

A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos foi fundada por negros de origem BANTU, vindos do Congo e Angola e, mais tarde, outras etnias se integraram a essa organização.

Isso prova, mais uma vez, que o grupo BANTU foi inicialmente maioria aqui na Bahia, assim como em Alagoas, Pernambuco, Minas, Rio de Janeiro e Maranhão durante os dois primeiros séculos do tráfico, a ponto de no século XVI já existirem organizações bem estruturadas de resistência dentro da Igreja Católica.

Samba

Palavra de origem BANTU, o samba tomou-se, com o tempo, o ritmo e a dança que representam o estilo genuinamente brasileiro. Inicialmente, o samba era um culto realizado através de danças ao ar livre, fora do âmbito fechado das casas de culto ao candomblé.

A dança e música que os africanos introduziram no Brasil tiveram origem religiosa e mágica. Surgiram dos templos religiosos (axés) e das cerimônias de vida social. A arte “primitiva” não é uma arte pura – “arte pela arte” – no sentido que lhe dão os “civilizados”. É uma arte intimamente ligada à vida do grupo. “O primitivo” cria pela voz e pelo canto, ajudados do gesto e da dança. Com isso, ele se comunica com suas divindades, age sobre os homens, os animais e a natureza.

Entre os BANTU existe uma infinidade de cerimônias onde intervêm a dança e a música. No antigo Congo, davam os negros o nome geral de MÁQUINA às suas danças. Havia variedades principais – a máquina mafuate, baile real em homenagem aos monarcas e o mampombo, espécie de dança erótica, ligada aos ritos sexuais. Em outras províncias do Con-

go, essas danças tomavam outros nomes: NPANBUATARI, QUITOMBE, QUISCIA e QUINGARIA.

Em Luanda, todos os atos sociais são acompanhados de música e dança. O feiticeiro utiliza-se da dança e do canto para agir sobre os espíritos e as divindades nas cerimônias fúnebres, danças guerreiras, danças de caça e pesca, ritos de passagem etc. Outra dança importante dessa região é uma cerimônia chamada KUISSAMBA, dança guerreira de UIANGA, cerimônia de caça. Dos ritos sexuais da região BANTU, destacamos uma dança típica de Angola chamada KIZOMBA – dança nupcial que termina no m'lemba, preço da virgindade.

Não somente as danças da região BANTU como as das demais regiões da África negra transportada para o novo habitat sofreram uma adaptação forçada e caricatural, já que estes negros não podiam aqui celebrar as mesmas cerimônias de suas terras de origem. Danças “primitivas” de guerra, de caça, de ritos de passagem etc. por conta das restrições do branco, da junção com outros grupos étnicos, adaptaram-se, sobreviveram e serão encontrados disfarçados nos autos dos reisados, maracatus, blocos carnavalescos, ranchos e cucumbis, congos, tayêras etc.

Mas foi o BATUQUE angola-congolês que a maior influência desempenhou na dança brasileira.

Nas terras de origem, o termo BATUQUE é o nome de uma dança de caráter geral, onde os negros, em círculo, executam passos “sapateados” em ritmo marcado com palmas e instrumentos de percussão. Segundo descrição de Alfredo Sarmiento, em Luanda e alguns distritos de Angola, o BATUQUE consiste também num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um homem ou uma mulher

que, depois de executar vários passos, vão dar uma “umbigada” a que chamam de SEMBA na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo substituindo-o.

Foi essa umbigada ou SEMBA de onde provavelmente se originou o termo SAMBA, de início entendido como sinônimo de BATUQUE. BATUQUE ou SAMBA tornaram-se dois termos generalizados para designarem a dança profana dos negros no Brasil. Mas, em outros pontos, tomavam designações regionais, por influência deste ou daquele grupo étnico que forneceu um maior contingente de escravos a esses pontos.

São 17 as danças negras plantadas no Brasil, assim distribuídas:

1. QUIMBÊTE (Minas Gerais)
2. SARAMBÉQUE (Minas Gerais)
3. SARAMBU (Minas Gerais)
4. SORONGO (Minas Gerais e Bahia)
5. ALUJÁ (religiosa)
6. JEGUEDÉ (religiosa)
7. CATERETÊ (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro)
8. CAXAMBU (Minas Gerais)
9. BATUQUE (nome generalizado)
10. SAMBA (Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco)
11. JONGO (Rio de Janeiro)
12. LUNDU (inicialmente dança)
13. XIBA (Rio de Janeiro)
14. CANA-VERDE (Rio de Janeiro)
15. MARACATU (Nordeste)
16. CANDOMBLÉ (Bahia)
17. COCO DE ZAMBÊ (Rio Grande do Norte)

Dentre essas, dezessete espécies:

- ◆ algumas danças tomam o nome da cerimônia principal, mesmo dançada fora delas: candomblé e maracatu;
- ◆ outras danças tomam o nome do instrumento principal usado na dança: caxandu, jeguedé;
- ◆ alguns nomes são genéricos – batuque – e outros são variantes locais: samba e xiba;
- ◆ em alguns lugares, cada nome designa uma dança característica, deixando o nome de ser genérico:
- ◆ normalmente as danças são acompanhadas de bate-mão e cantos, às vezes improvisados, e de vários instrumentos, predominando os de percussão;
- ◆ certas danças são improvisadas, conforme habilidade do dançarino.

Capoeira

"Tiririca é faca de cotá
Jacatimba moleque de sinhá
Subiava no fundo di quintá
Aloangue... caba de matá
Aloangue...
Marimbondo dono de mato
Carrapato dono de fôia
Todo mundo bebê cachaça
Nêgo Angola só leva fama
Aloanguê... Som Bento tá me chamando
Aloanguê...
Pad'e Inganga fechou coroa
Há de morê
Parente não me'caba de matá
Aloanguê...
Capoêra, toma sentido
Capoêra tem fundamento
Aloangue...



A maioria das cantigas mais antigas da CAPOEIRA sempre fazem alusão à sua terra de origem: Angola, Luanda (Arunda), além de palavras a exemplo de Inganga, que denuncia a sua origem.

Além das músicas, sabe-se que a CAPOEIRA foi muito praticada nos Kilombos, os quais eram formados, na sua maioria, pelos BANTU. O principal instrumento da CAPOEIRA chama-se URUCUNGO, transportado para o Brasil, sendo hoje denominado berimbau, por conta do arco de madeira flexível (biriba), preso às extremidades por uma corda e, na parte inferior, uma cabaça. Hoje, já podemos afirmar que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos negros de Angola.

Manifestações de origem congo-angolês

O CONGO foi trazido para o Brasil pelos escravos da região BANTU e consiste numa cerimônia de entronização do rei. O bailado do Congo sofre variantes de região para região, embora mantenha intactos todos os elementos de sua essência. O Congo é dividido em duas partes: a primeira é o cortejo real, com os bailarinos que percorrem as ruas acompanhando o rei ou, quando parados diante de igrejas ou casas de pessoas importantes, dançam para o rei ver. Essa parte é livre – cantam-se canções, marchas, louvações religiosas ou não, danças tribais, coreografias puras etc. Nessa parte, as músicas são denominadas “cantigas” e na segunda parte chamam de “embaixada”, que é a representação de uma embaixada de paz ou de guerra – geralmente, de GUERRA.

Os congos se espalharam por todo o Brasil, demonstrando a vivência dos BANTU nas suas terras de origem e sua continuidade aqui no Brasil, além da necessidade de terem um Rei,

real ou fictício no Maranhão, em todo o Nordeste, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Mato Grosso, Goiás e até nas Antilhas. Em Cuba, reis e rainhas congoungoleses proliferaram tanto nos engenhos como na cidade.

Cucumbis

Por ocasião do “entrudo” (Carnaval) e das festas de Natal, vários ranchos (bandos) de negros, vestidos de penas, tocando instrumentos rústicos de percussão, dançando e cantando, percorriam as ruas da cidade ou povoado. Cantavam na sua língua, tinham a face banhada e o nariz deformado por uma crista de tubérculos que descia da testa até o meio do lábio superior. Na Bahia, este grupo foi denominado **CUCUMBIS** e, nas demais regiões, de **congós**. O enredo dos congós resume-se na história de um Rei do Congo que confiou os seus filhos para serem circuncidados a um grupo de príncipes, princesas, feiticeiros, intérpretes e povo em geral. Esse ritual, costume daquela região, era feito na floresta. De volta da floresta, este cortejo, que conduzia os mamêtos (crianças) circuncidados com lasca de taquara, é atacada por um grupo inimigo e o filho do rei é flechado mortalmente. Sabendo da notícia, o rei ordena que venha à sua presença o mais famoso feiticeiro da região para ressuscitar seu filho. O rei diz ao feiticeiro: “ou darás a vida a meu filho e terás em recompensa um tesouro de miçangas e a mais bela das mulheres para com ela passares muitas noites, ou não darás e te mandarei degolar”. Para a sorte do feiticeiro, o morto levanta-se para a alegria de todo o reino. Transportado para o Brasil, este fato se transforma numa manifestação toda cantada, e os cucumbis festejam a vida do filho do rei cantando diversas cantigas e quadras popu-

lares acompanhadas por gauzás, chequerês, chocalhos, tamborins, adufos, agogós, marimbas e pianos de cuia.

São inúmeras as manifestações de origem BANTU espalhadas pelo Brasil: de guerras, coroações de reis e rainhas na terra de origem, fatos do cotidiano, lundus – Moçambique e outros com influências indígenas e européias, mantendo ainda elementos da sua cultura original.

Contos, cantigas, quadrinhas, adivinhações, lendas, autos de origem africana, especialmente dos BANTU, se espalham pelo recôncavo baiano e por todo o Brasil, difundidos pelas mães-de-leite e amas durante o período do Brasil colonial. Nos engenhos, nas senzalas, nos Kilombos, na casa grande, nas raras horas de descanso, o negro escravo ou “livre” dos Kilombos, embalados pela saudade das suas terras, nos deixaram este arsenal que hoje, em condições um pouco mais favoráveis, temos a obrigação de preservar e difundir.

Só no recôncavo baiano (Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Muritiba etc.), Silva Campos levantou 36 contos de origem BANTU. Dentre estes, seis são do ciclo do QUIBUNGO: “A aranha caranguejeira e o Kibungo”, “A menina e o Kibungo”, “O Kibungo e o menino do saco de penas”, “Titi Maruê”, “O bicho cumujarim” e “O bicho homem”. O Kibungo é uma espécie de cão selvagem, um lobo fantástico, que tem um enorme buraco nas costas por onde costumava comer crianças que ficam acordadas durante as saídas noturnas desse animal. Este equivale ao “bicho-papão” ou “Tutu Marambaia” dos acalantos infantis.

Dezenas de outras formas de literatura BANTU fornecidas ao Brasil hoje fazem parte do rico folclore (negro) brasileiro: JISABU (adágios e provérbios), MISOSO (apólogos), JINONGONONGO (enigmas e adivinhações),

MABUNDA (cantigas usadas nos batuques), JISELENGENIA (sátiras e ditos populares).

Toda essa cultura foi transmitida de geração a geração, tendo no seu conteúdo marcas do nosso passado ancestral, além de lições de vida, ensinamentos e respeito ao mais velho.

Provérbios em kibundo (língua bantu)

- ◆ MUNTU CAIKIPE CHIA UCUEZA CUNHIMA
(Ninguém conhece o futuro)
- ◆ MAZUI MACUIA NI RUQUINDO
(As palavras vão com o vento)
- ◆ ANCHI MUDILE UA MUDIA
(Se comeu está comido)
- ◆ UCUSALA UAQUENE DIGINA DIEI, CUIA MUTURO
(Faz grande o teu nome, vai dormir)
- ◆ NI KURIA NI KURIAIA
- ◆ URIA, ANGA URIAJA
(No comer e coçar, tudo está no começar)

Provérbios de angola

- ◆ MUZUERI RONENE KALUNQUE
(O talador grande não tem razão)
Equiv. português: cão que ladra não morde
- ◆ UKEMBU UA PETU, MOXI ISUPA
(Beleza de almofada, dentro trapos)
PT: por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento.
- ◆ UKAMBA UA NDINGUE UPUNDA MUXANGA
(Amizade de criança nasce no apanhar lenha)
PT: de pequenino se torce o pepino.

* **MBEMBA ANGOLENSE** é um pássaro que neste provérbio substitui o periquito brasileiro

- ◆ KUBA KI KUTEXI Ê, KUENDA KI KUIMBIRILÊ
(dar não é desperdiçar, andar não é perder-se)
PT: fazer bem, não cates a quem.

Adágios

- ◆ FUMA RIAFUMANENA O MBEMBA*
*MBEMBA KASUBIÊ KILENDE
(papagaio come milho, periquito leva a fama)
- ◆ O KIMA KATALE O MUKILA UÊ
HIMA KATALIÊ KU MUKILA Ê
(macaco não olha para seu rabo ou macaco só olha pro rabo dos outros)

Adivinhas (Angola)

Pergunta: MUATA ULELE PAXI, ICANGA UBAMBELE
CUURO NÁNHI? (Quem é o senhor que dorme sobre a terra
coberto por cima com esteiras?)

Resposta: QUINHANGUA (Abóbora)

Pergunta: CHIA CUSSEDA UACADICUTULA? (Quem
carrega sem arrear?)

Resposta: LUTALA (Tarimba, espécie de prateleira)

Pergunta: CHIA UASSUPA NI UCHUCO UACÁDI CUSSULA
(Quem é que está passeando de noite sem parar?)

Resposta: MEMA MA UÍTO (Água do rio)

Algumas palavras de origem bantu e o seu significado

bambá bamba

banguela, bangela faltando dentes

dende dendê

ganza zumba chefe maior

babata, babatar apalpar

kabula, cabula ritmo, toque

kam amigo

kang amarrar

kasimba, cacimba poço, fonte

kas irmão(a) mais novo; menor de idade

kike ferro

kilombo, quilombo acampamento

kitanda, quitanda mercado

mussique, musike tocador

muzuá, munzuá covo feito de taliscas de taquara ou bambu

ngangula, ingangula inteligente

ngangula ikete ferreiro inteligente

ngoma, ingoma, bombo tambor

pikula, picula correr

sanzala, senzala acampamento de trabalhadores

semba, samba adorar, tipo de dança

ta ensaiar um passo

tam cobrir

zuel falar

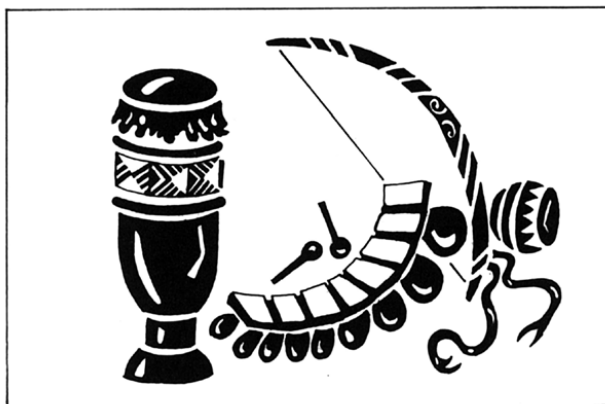
wandu, andu tipo de feijão verde

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Ilê Aiyê Carnaval 96

04



Heranças bantos

Paulo Vaz e Cissa

Eu vim de lá
Aqui cheguei
Trabalho forçado
Todo o tempo acuado
Sem ter a minha vez
Dos grandes lagos
Região em que surgiu –
Os Bacongos, os Bundos
Balubas. Tongas, Xonas, Jagas, Zulus-
Civilização Bantu que no Brasil concentrou
Vila São Vicente canavial de presente
Pau Brasil Salvador
Cada pedaço de chão
Cada pedra fincada
Um pedaço de mim
Ilê Aiyê,
O povo Bantu ajudou
A construir o Brasil
Pedra sobre pedra
Sangue suor no chão
Agricultura floresce
Metalurgia aparece
Candomblé religião
Irmandade Boa Morte,
Rosário dos Pretos, Zumbi lutador
Lideranças firmadas
Que apesar do tempo, o vento não levou.
Um legado na dança
Influência no linguajar
Sincretismo na crença
Na culinária o bom paladar
Tristeza Palmares, Curuzu alegria. Ilê Aiyê liberdade
Expressão Bantu e viva da nossa Bahia.

Ilê metal

Alberto Pita/Aloisio Menezes

Tecnologia do ferro
Conhecimento engenharia
Sabedoria ancestral
Bantu Angola na Bahia
Processo civilizatório do Ilê Aiyê
Doutores sem anéis
Sabiam como fazer
Fio da lâmina metal,
Corte profundo transcendental.
Se a pena pesa
Tanto quanto o ferro
É algo a se pensar
Tal equilíbrio evidenciado
Ogum e Oxalá
Roma negra Orixalá
É a fé que faz vencer
Capela Sistina
É a saída do Ilê
Olhe pra cima,

Raízes do povo bantu

Liar Bacalhau

Há trezentos anos
O africano Zumbi
Líder dos negros
Sucumbiu
Toda nação africana chorou
Chorou, chorou
Assim como chorou
O povo do nosso Brasil
Zumbi
Nesses 22 anos
Jamais o Ilê te esqueceu
Sempre exaltando a cultura
De um povo amigo
Que sempre sofreu
Salve Zâmbia
Moçambique
Congo, Zimbabwe,
Raízes do povo Bantu
Irmanados ao Ilê Aiyê.

Novembro

Ithamar Tropicália

Auê, auê, auê
Le le le le le o o o
Ilê Aiyê
Ilê Aiyê 22
Vai novembro lá
Vem novembro aqui
22 anos de Ilê Aiyê,
e 300 anos de Zumbi
Ilê Aiyê
Ilê Aiyê 22
Dó ré mi fá só
Fá lá si dó Ilê Aiyê
Civilização Bantu da dó
Ilê Aiyê são negros temperados pelo sol.
Deu meia-noite, hora do Ilê Aiyê passar
Sem perceber a noite virou dia
Quem não sair no Ilê Aiyê vai chorar
Ver tão bonita minha fantasia
De tão bonita minha fantasia
Você já tem a sua
Se ainda não tem
Pegue uma agora mesmo
Saia de Ilê Aiyê meu bem
Auê ee auê auê auê le le le le le o o o
Parabéns a Ilê Aiyê,
22 anos de resistência
Ser não só na cor
Mas também na consciência
Parabenizamos a maioria,
Do Ilê Aiyê,
Nos 300 anos de Zumbi
Canta eu canta você.

Mãe África

Vater Farias e Adalton

Mãe África
Que o destino nos uniu
Hoje todo mundo canta
Com esta raça varonil
Pela cor do pano
Nota-se que sou africano
Sou Ilê Aiyê
E venho saudando povos Bantus
Seu canto que traz toda esta soberania
Transformar África em poesia
Só você Ilê Aiyê
Mantu caikipe chia ucueza cunhima
Ninguém conhece o futuro
Ninguém pode prever
Provérbios Mazui Macuia Niruquindo
As palavras vão com o vento
No canto do Ilê Aiyê
Pra falar da África, só você Ilê Aiyê
Vá mostrar para o mundo
Que povo Bantu é você.

Universo bantu

Mercês Maria Santos Costa

Olorum, Olorum
Igba, Igba
Ibere, Ibere
Esse é o Ilê Aiyê
Que eu venho cantar
Para você.
Eu falo de consciência
Força e libertação
Da raça negra
A opressão do Saara
E o refúgio dos negros Bantus
Para África ocidental
Liberdade, liberdade,
Liberdade e libertação
Da raça negra
Zimbabwe,
Moçambique eh!
Angola eh!
Ilê Aiyê!
A sobrevivência dos negros Bantus
Utilizando o ferro
Na arte de criar
Ferreiros
Símbolo de evolução
E tecnologia
No resgate de novas terras
Lá no norte da Nigéria
Os negros criaram seu universo.

Raça/pirraça

Tita Lopes e Valmir Brito

Você explica, mas não justifica
Porque subestima meu jeito de me dar
Você me machuca e até me acusa
Me transforma em réu pela cor
Eu quero um instrumento tocar
A minha viola e que não seja a dor
Na consciência da inconsequência
De quem não se tocou
Quiseram fazer de mim
De coisa que não se faz
Hoje é dia de graça
Ilê está na praça
Nem me lembro mais
O povo só vive da fé,
Da vida esperar salvação
Isso é jogo de gala, isso é carta marcada,
Isso é contravenção
Isso é jogo de gala, isso é carta marcada
Eu não vou me entregar.
Iemanjá nas ondas do mar pode ver
Iemanjá vem pra me guiar me valer
Na areia seu filho chama por você,
Mamãe sereia oferenda de amor tem que ter
E na beira do mar, vem pra me guiar me valer
Na beira do mar, sabara vendá
Venda uê.

Desfilando em gala

Vânia Amaral

Escureceu
Sábado de carnaval
É lindo ver
O Ilê fascinar os corações
De toda raça
Na mesma rota
É levanta a poeira e balança
É levanta a poeira
E balança a massa
No chão da praça
Afro negro Ilê Aiyê.
Sou mais belo
Pode crer
Vem correndo pra me ver
Desfilando em gala
De um novo dia
Curuzu é meu forte.
O orvalho faz parte
Da nossa rotina

Zambiaê

Caj Carlão / R. Carvalho

Hoje não piso em falso
Nem falo acanhado não
Trago na força a fé
Que meu pai me mandou
No ritual do destino
Confraternizo o calor
Sou militante das ruas
Rei de Salvador
Que bom negro bonito
Ver você bem viver
Crescer crescer crescer
Livre no caminhar
E nunca vacilar
Cantar cantar cantar
É bom te ver amanhecer
Livre estudar acontecer
Permanecer cabeça erguida
A zumbir vencer vencer
Zum zum zum
Zum zum zumbilê,
Zambiaê zambiaê Ilê.
Zum zum zum
Zum zum zumbilá
Zambiaê zambiaê ia.

bibliografia

- Ramos, Artur. *Folclore Negro no Brasil*.
Ramos, Artur. *As Culturas Negras no Novo Mundo*.
Companhia Editora Nacional, São Paulo
Araújo, Alceu Maynard. *Cultura Popular Brasileira*.
Edições Melhoramentos.
Cascudo, Luis Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*.
Livraria Martins Editora.
Castro, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*
(*Aspectos da obra de João da Silva Campos*).
Mendonça, Renato. *A influência Africana no Português do Brasil*.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 2 – A Civilização Bantu

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Diretora: Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Coordenação: Arany Santana • Jônatas
Conceição da Silva **Equipe de Apoio:** Samuel
Aarão Reis (Assessoria Geral ao Projeto) •
Ana Célia da Silva • Jaime Sodré • Lindinalva
Barbosa • Maria de Lourdes Siqueira •
Paulo César Cerqueira • Valdina Pinto **Capa
e Ilustrações:** J. Cunha **Composição/Arte
Final:** Emesto Oliveira **Impressão:** Press
Color - Gráficos Especializados Ltda

End. Rua do Curuzu, 233, Liberdade
CEP 40305 000, Salvador • Bahia
Telefax 71 241 4969





MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

